

Futuro imediato do petróleo no País dependerá do Ibama sob Agostinho

Segundo diretora da Petrobras, País terá de importar petróleo a partir de 2034 se não explorar produção na margem equatorial

ANDRÉ FLEURY MORAES
COM AGÊNCIA BRASIL

O futuro próximo do petróleo no Brasil está nas mãos de um nome conhecido em Bauru – o ex-prefeito Rodrigo Agostinho (PSB), mandatário do município entre os anos 2009 a 2016 e hoje presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Cabe a ele e ao órgão que preside a palavra final sobre um pedido da Petrobras, gigante petrolífera brasileira, pela autorização de estudos visando a produção de petróleo na margem equatorial, área do litoral norte do País apontada como o novo pré-sal. Procurado, Agostinho disse que o Ibama não tem data para deliberar sobre o tema (leia mais nesta página).

A margem equatorial abrange uma área que vai da costa do Rio Grande do Norte ao Amapá. A comparação com o pré-sal é devido ao grande potencial de encontrar reservatórios de petróleo. A exploração, por outro lado, é criticada por ambientalistas – sobretudo pela preocupação com possíveis danos ambientais.

Sem a exploração do combustível fóssil nesta região, o Brasil pode ter de voltar a importar petróleo dentro de 10 anos.

A afirmação veio na semana passada e é da diretora de Exploração e Produção (E&P) da Petrobras, Sylvia



Sylvia Anjos, diretora da Petrobras, alertou sobre queda na curva do pré-sal

DIRETORA ALERTA

Curva de nível da exploração do pré-sal começou a reduzir

Anjos, e faz parte da campanha da estatal para obter licença para explorar a região.

“O tempo está sendo muito crítico. Em cinco, seis anos tem uma queda da produção do pré-sal e, com isso, a gente pode voltar a ser importador de petróleo em 2034, 2035, se a gente não tiver descobertas”, afirmou ao participar de uma aula aberta no Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (Coppe), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A Petrobras tem 16 poços na nova fronteira exploratória, mas só tem autorização do Instituto Ibama para per-

furar dois deles, na costa do Rio Grande do Norte. O Ibama negou a licença para outras áreas, como a da Bacia da Foz do Amazonas. A Petrobras recorreu ao instituto pedindo reconsideração da negativa – até o momento não houve retorno.

O Brasil é autossuficiente em petróleo desde 2006. Atualmente, 81% da produção nacional é atribuída ao pré-sal – reservatório cujo ciclo de exploração já está em queda, com tendência de diminuição da quantidade de barris produzidos.

Isso, segundo a diretora da estatal, exige novas fontes de produção.

Segundo a diretora, a Petrobras resolveu as exigências do Ibama para que seja alcançada a licença de exploração, entre as quais a criação de centro para acolhimento de animais em caso de derramamento de óleo; a garantia de que não haverá excesso de capacidade no Aeroporto



O ex-prefeito Rodrigo Agostinho, atual presidente do Ibama, diz que órgão não tem data para deliberar sobre o tema

Ibama analisa caso, diz Rodrigo

Atual presidente do Ibama, o ex-prefeito de Bauru Rodrigo Agostinho (PSB) afirmou ao JC no final da tarde desta segunda-feira (28) que o órgão não tem data para chegar a uma definição sobre o tema. Segundo ele, o principal motivo pela rejeição da licença na primeira decisão do órgão foi a distância da base de emergência para eventuais ocorrências.

“A base mais próxima estava em Belém, a 870 km de distância. Agora, a nova base está a 170 km, em Oiapoque”, explicou o ex-prefeito. “O Ibama continua analisando a proposta e avaliando a viabilidade ambiental da atividade no local, mas não tem data para uma definição”, continuou.

de Oiapoque, no Amapá; e simulação de exercícios de emergência ambiental.

Sylvia criticou também o que chamou de “fake news científica”, citando a informação propagada de que há corais na foz do rio Amazonas. Segundo ela, estudos já apontaram que coral não convive com o mar que não

seja absolutamente transparente e sem argila.

“Não existe coral na foz do Amazonas, isso não é verdade. Existem rochas semelhantes a corais”, afirmou, acrescentando que, apesar do nome Bacia da Foz do Amazonas, os poços ficam a 540 quilômetros da foz, distante da foz.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal da Cidade - Bauru/SP

Seção: Política Pagina: 3